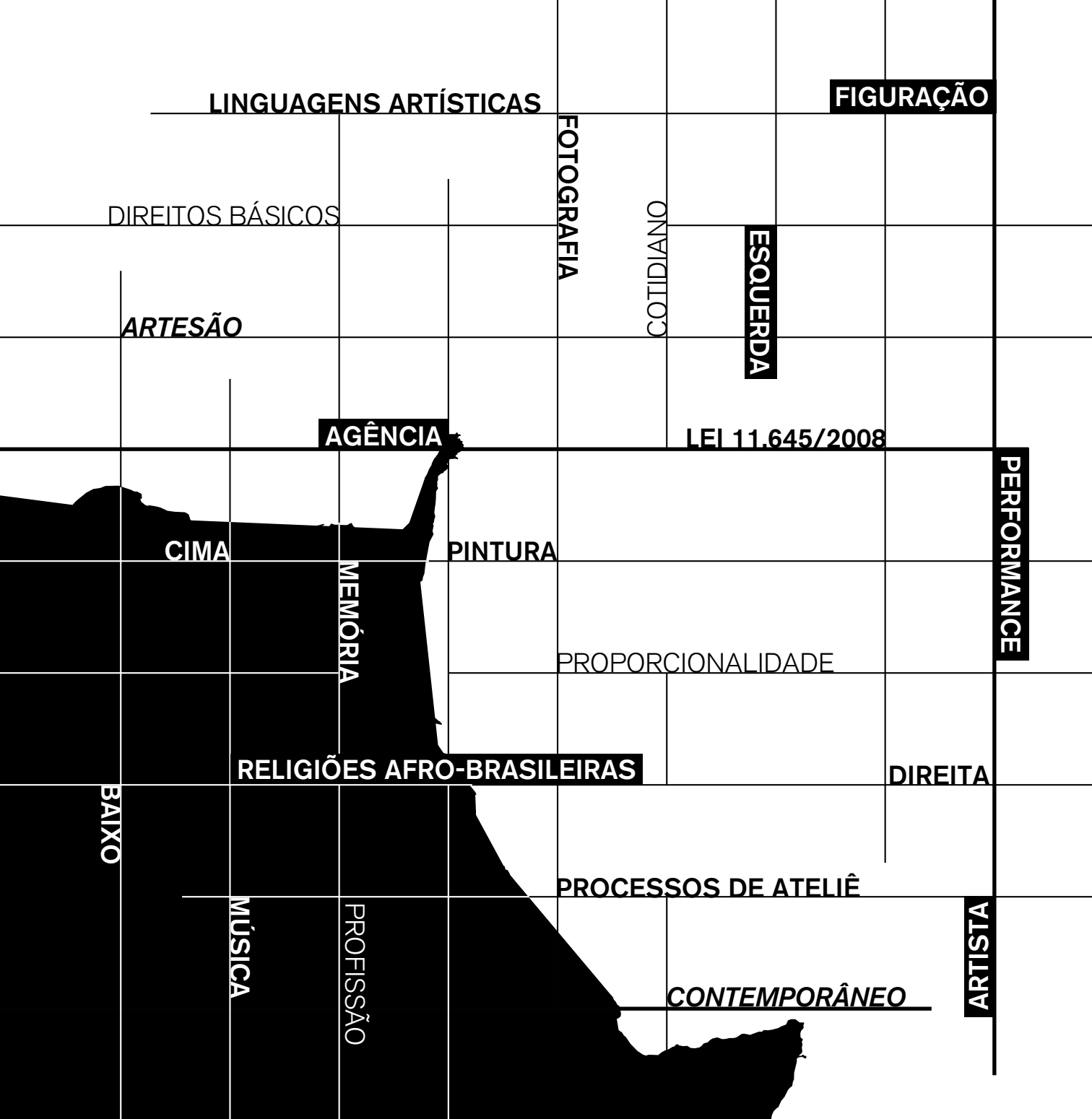


Ministério da Cultura  
e Banco do Brasil apresentam

# ENCRUZILHADAS DA ARTE

# AFRO- BRASILEIRA

CCBB Educativo  
Territórios e Saberes



LINGUAGENS ARTÍSTICAS

**FIGURAÇÃO**

DIREITOS BÁSICOS

FOTOGRAFIA

COTIDIANO

**ESQUERDA**

ARTESÃO

**AGÊNCIA**

LEI 11.645/2008

CIMA

PINTURA

**PERFORMANCE**

MEMÓRIA

PROPORCIONALIDADE

**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

DIREITA

BAIXO

PROCESSOS DE ATELIÊ

MÚSICA

PROFISSÃO

**ARTISTA**

**CONTEMPORÂNEO**

**A**

**ARTE**

**CONTEMPORÂNEA**

**É**

**NEGRA**



# ENCRUZILHADA

## ***SUBSTANTIVO FEMININO***

**1** lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos; cruzamento, encruzada **2** fig. ponto crítico, em que uma decisão deve ser tomada **3** cap; obsl. rasteira que, semelhante ao corta-capim, se torna completa quando o pé do agressor aplica um calço no adversário

Elian Almeida

Duque de Caxias, RJ, 1994

**Arte contemporânea é negra**, 2016

Acrílica, gesso e spray sobre tela, 80 × 60 cm

Coleção do artista e da Galeria Nara Roesler

Crédito da imagem: Rafael Salim

Em uma exposição que reúne vários artistas, é comum que parâmetros como tempo, espaço e origens se cruzem, e que nós, enquanto participantes, sigamos construindo sentido para os trabalhos ali expostos.

A exposição Encruzilhadas da arte afro-brasileira traça uma linha cruzada na historiografia das Artes, apontando cerca de 60 artistas negros, desde o século XIX até os dias atuais.

Esses artistas vêm sendo pesquisados e registrados desde 2018 no Projeto Afro, plataforma de mapeamento de artistas negros.

Se nesta exposição conhecemos tantos, nem sempre foi assim: a existência e divulgação de trabalhos de artistas negros historicamente está cercada de apagamentos e menosprezo por sua produção e experimentação de linguagens.

O exercício de crítica direcionada aos artistas negros está repleto de negação de sua intelectualidade, redução esta decorrente de pensamentos e práticas racistas e coloniais.

## O CAMINHO CONTINUA SER CAMINHADO A HISTÓRIA DO POVO NEGRO NO BRASIL É ATRAVESSADA ***ENCRUZILHADA!***

Falar que o Brasil e sua história são atravessados funciona como uma forma de apagar ou desviar de discussões importantes para entendermos quem somos como país. Portanto, quando se risca a palavra atravessada e inserimos encruzilhada, fazemos um convite a voltarmos a uma posição que é fundamental para o pensamento afro-brasileiro, e de onde podemos escolher novas direções.

Ao longo da história, várias conquistas sociais foram alcançadas. Contudo, uma última fronteira ainda nos desafia: o imaginário social sobre o que pode realizar uma pessoa negra e o seu **Poder de Existir, sem de-Existir**.

## ENCRUZILHADA *É PRESENÇA!*

O GRIOT E FOTÓGRAFO JANUÁRIO GARCIA UMA VEZ NOS LEMBROU DE QUE **“EXISTE UMA HISTÓRIA DO NEGRO SEM O BRASIL. O QUE NÃO EXISTE É UMA HISTÓRIA DO BRASIL SEM O NEGRO”**. PODEMOS DIZER O MESMO NO CAMPO ARTÍSTICO.

As artes no Brasil sempre foram campo de presença negra. Quando ninguém queria realizá-las, eram os artistas negros que cumpriam esse papel, justamente porque essas realizações eram consideradas como funções de artesão: o que conhecemos como esculturas, pinturas, desenho, arquitetura, muito disso era realizado por mãos e mentes negras. Isso vai se modificar quando, a partir do século XVII, inicia-se o período de missões de Belas Artes, compostas por artistas europeus. Começa a separação entre artesão e artista.

A encruzilhada é o lugar de potência, onde podemos decidir quais direções vamos tomar. Escolhemos o que realizamos ou escolhem por nós?

Luna Bastos  
Teresina, PI, 1996  
Esperança, 2022  
Bordado com miçangas, 15x15 cm  
Coleção da artista  
Crédito da imagem: Estúdio em obra



QUEREMOS COMEÇAR  
ESSA CAMINHADA COM  
VOCÊ NO CENTRO DA  
ENCRUZILHADA,  
CONTANDO UMA  
HISTÓRIA MILENAR!  
**IMAGINE-SE NO INÍCIO  
DE TUDO E DO NADA...**

Para muitas culturas africanas, os conhecimentos não são compartimentados em caixas. O historiador e filósofo Amadou Hampaté Bâ já dizia que o espírito africano prima por agregar todos os saberes possíveis a fim de perceber a vida de forma completa e multidimensional. A arte é um desses saberes e conecta a vida à beleza, possibilitando criar amparados no passado e mirando o futuro para um presente pleno de inventividade.

Os trabalhos criados por artistas negros brasileiros podem estar fundamentados neste e em muitos outros pensamentos que vão cruzar críticas sociais, históricas, políticas. E vão mostrar como essas sacodem linguagens artísticas.





*Olódùmarè* criou o universo. Uma das primeiras reverberações que criou foi a sabedoria, *Ogbon*; *Olódùmarè* disse a ela “*Ogbon*, vá para o infinito, vá procurar um lugar para você estar, para você existir”. *Ogbon* correu todo o infinito, todo o universo, mas não encontrou um lugar melhor para estar do que ao lado do jogo de *Olódùmarè*. *Ogbon* retorna, fazendo um ruído irritante, como o de uma abelha. *Olódùmarè* não suporta o som e engole *Ogbon*.

Enquanto *Ogbon* viajou e retornou, *Olódùmarè* já havia criado o conhecimento, *Ìmọ*; e *Òye*, a compreensão, e adivinhe: sim, o mesmo acontece.

Depois de engolir as três, *Olódùmarè* descansou. Tentava descansar, mas não conseguia, porque as três zumbiam dentro dele. Ele as devolve e diz que elas viessem para *Aiyé*, para o mundo visível, pra esta dimensão. Diz a elas para virem juntas. As três se fundem e se transformam em... *Òrò*.

*Òrò* é alta energia suspensa, muito forte, muito poderosa. *Òrò*, o fundamento de tudo, o princípio de sabedoria, conhecimento e compreensão que existe dentro de toda a existência no universo, mesmo que ainda não expresse. *Òrò* é a própria Presença.

Na sua vinda, *Òrò* derrete matérias, constrói buracos, tudo por causa de sua alta energia. Ela desce fazendo o som “hòò...”. Isso tudo acontece no tempo mítico. Há muitos tempos. Há muitos espaços. Há muitos espíritos.

Quando *Òrò* chega à terra, *Òrò* pinga nela. Neste exato momento, *Òrò* se transforma em *Èla*: aquilo que podemos entender, a Presença em formas manifestas, em formas identificáveis, em formas compreensíveis.

*Èla*, assim que pinga na terra, respinga para todos os lados... e para cada lado se transforma em manifestações artísticas como nós conhecemos... esculturas, dança, pinturas, teatro, cantos, ritmos, poesia, encantamentos... e dizem que elas continuam pingando e se respingando até hoje... Cada pingo e respingo, cada forma é *Òwe*, as artes em suas diferentes formas.

Gustavo Nazareno  
Três pontas, MG, 1994  
**Voz de identidade**, 2023

Óleo sobre linho, 30 × 30 cm

Coleção do artista, obra comissionada no contexto da exposição Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira

Crédito da foto: Estúdio em obra



Mulambo  
Saquarema, RJ, 1995  
**Bandeira Mulamba**, 2019  
Tecido Oxford, 225 x 320 cm  
Coleção do artista  
Crédito da foto: Estúdio em obra

DENTRO DO PENSAMENTO IORUBANO, ESSA NARRATIVA  
É A BASE PARA SE PENSAR AS ARTES, A PARTIR DE  
DUAS IDEIAS FUNDAMENTAIS PARA A FILOSOFIA:  
**POÉTICA E ESTÉTICA.**

Iorubá ou Yoruba é um grupo étnico-linguístico presente na Nigéria, um dos grupos étnicos formadores da população negra no Brasil.

***COMO SERÁ QUE OUTRAS SOCIEDADES  
PENSAM POÉTICA E ESTÉTICA? A JAPONESA,  
A YANOMAMI, A MAORI, A TCHOKWE, A BAKONGO?***

“O ARTISTA É AQUELE QUE ABORDA O IMAGINÁRIO DO MUNDO; [...] É PRECISO, POIS, COMEÇARMOS A FAZER EMERGIR ESTE IMAGINÁRIO. NESTE IMAGINÁRIO, NÃO SE TRATA DE SONHAR O MUNDO, MAS SIM DE PENETRÁ-LO.”, NOS DISSE O POETA E FILÓSOFO EDOUARD GLISSANT.

Artistas são capazes de sacudir as camadas da vida que guardam mentiras ou que estabelecem impossibilidades de viver: você só pode isso. Você não pode aquilo. Aqui não é lugar pra você. Só pode sentar daqui pra lá. Nesse shopping você não entra. Criações artísticas anunciam e denunciam realidade e sonho, são disparadoras de ação, questionando as ausências e instaurando as presenças, e tudo o que as mantêm de pé!

E se um trabalho artístico de uma dada época teima em marcar estereótipos sobre um grupo social, o que fazer? E se essas obras foram criadas para atravessar os tempos e se tornar um marcador de uma falsa memória de identidades?

**Gê Vianna** cria contranarrativas para inaugurar um novo imaginário sobre pessoas negras e seus ancestrais, apagando a tentativa de marcar os corpos negros em situações de precariedade e submissão. Seus trabalhos em colagem digital, animação digital, performances restituem a humanidade de personagens negros, em composições que exaltam potencialidades e reescrevem a história como ela deveria ter sido, com o registro de autonomia, eliminando as violências registradas em pinturas e gravuras.

O trabalho ao lado é baseado na gravura “Engenho manual que faz cana de açúcar”, de Jean Baptiste Debret. Estas e outras gravuras de Debret apresentavam pessoas negras sempre em situação de humilhação ou recebendo castigos ou mialhas.

O trabalho de Gê Vianna vai justamente recuperar a memória e a história do povo negro africano, repletas de conhecimentos científicos sobre astronomia, matemática, metalurgia, filosofia, agricultura, medicina, e que ergueram impérios e reinos plenos em abundância e prosperidade por séculos: Império do Mali, Império Etíope, Reino do Daomé, Reino de Oyó, Reino do *Ndongo*, inspiradores dos nossos quilombos brasileiros.

O trabalho de Gê Vianna é um excelente exemplo sobre o que significa Beleza na perspectiva negra: as relações entre a forma externa (o visível) e a proposição interior de seres ou coisas (o invisível).

Gê Viana  
Santa Luzia, MA, 1986  
Cultivo de cogumelos, 2020  
Da série 'Atualizações Traumáticas de Debret',  
Colagem digital, 29,7 x 42 cm  
Crédito da imagem: cortesia da artista







Moises Patricio  
 São Paulo, SP, 1984  
 Aceita?, 2013  
 Impressão sobre papel, 30 x 30cm cada  
 Crédito da imagem: Estúdio em obra

## ESSE PROVÉRPIO IORUBÁ NOS REVELA TUDO: “ÌWÀ L’EWÀ” (A BELEZA ESTÁ NO CARÁTER)

Beleza é um parâmetro que percorre as histórias das artes, mas não se trata de um critério definitivo para todas as sociedades em todos os períodos e espaços. Cada sociedade estabelece para si fundamentos sobre o que seja o belo, e como essa ideia se relaciona a todas as suas instâncias culturais. Através de suas decisões e ações, um grupo cultural vai sempre buscar reafirmar os seus princípios sobre o que nos sugere que um trabalho artístico ou os seres e as coisas sejam belos.

Portanto, ìwà l’ewà nos indica a refletir que não existe beleza ou bondade por si só, mas na medida em que o interior de algo ou alguém se relaciona de modo construtivo com a vida e o entorno.



Gustavo Nazareno  
Três pontas, MG, 1994  
A coroação do arraial, 2023  
Óleo sobre linho  
200 x 200 cm  
Coleção privada, obra comissionada no contexto da exposição  
Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira  
Crédito da foto: Estúdio em obra

No trabalho abaixo, **Gustavo Nazareno** retrata Maria do Arraial, uma mulher negra que lutou contra o despejo de sua família e viu seu rancho ser destruído para dar lugar ao que seria o Palácio da Liberdade. Nessa região, viviam quilombolas, camponeses, ciganos, cujas propriedades foram expropriadas para a construção dos prédios que compõem, hoje, a Praça da Liberdade.

Observe, na exposição, os quadros que acompanham esta imagem: Nazareno constrói a visualidade sobre Maria do Arraial a partir das qualidades de *Exu*, *Xangô* e *Oyá*, três orixás que carregam o vermelho como cor primordial, simbolizando sua coragem para enfrentar injustiças.

NA OBRA **A COROAÇÃO DO ARRAIAL**, CRIADA ESPECIALMENTE PARA ESTA EXPOSIÇÃO, O ARTISTA NOS DIZ: **A BELEZA ESTÁ NA CORAGEM!**

POR ISSO MESMO, **A NOÇÃO DE BELEZA NAS ARTES NEGRAS INTEGRA A INVESTIGAÇÃO DE LINGUAGENS TRADICIONAIS** EM SUPORTES QUE CRITICAM A PRÓPRIA TEMÁTICA ABORDADA NOS TRABALHOS.

Na gravura “Canteiro”, percebe a relação entre o suporte e a imagem que é gravada nele?

“Índice” é uma imagem que nos leva a pensar em outra por alguma relação inevitável entre elas, pois elas já aconteceram ou vão acontecer. **Exemplo:** fumaça = fogo; nuvem = chuva; papel de embalagem de cimento = construção.

Neste trabalho de **Milena Ferreira**, o índice de uma construção de uma edificação (o resíduo da embalagem de cimento) e a imagem de casarões mapeados no centro de Salvador em suas diversas “fases da vida” dialogam com a própria estrutura tradicional de um tríptico (obras que são compostas por três partes distintas que se complementam) e o questionamento sobre como estes prédios antigos são abandonados sem reparos e condenados a se tornarem ruínas – pesquisa carro-chefe de seus trabalhos.



Milena Ferreira  
Salvador, BA, 1992  
Canteiro, 2022  
Baixo relevo em Tetra Pak sobre embalagem de cimento,  
40x175cm aproximadamente (tríptico)  
Crédito da imagem: Wendell Wagner

ENCRUZILHADAS  
DA ARTE



Rubem Valentim  
Salvador, BA, 1922- São Paulo, SP, 1991  
Emblema - 85, 1985  
Acrílico sobre tela, 70 x 50 cm  
Cortesia Mendes Wood DM  
Crédito da imagem: Sérgio Guerin



A abstração geométrica atravessa as artes africanas, negras e afro-brasileiras, sendo reelaboradas em suportes, linguagens e períodos diferentes.

**Rubem Valentim** é uma referência para artistas de sua época e os atuais, por atuar na contramão de registros que reduziam as experiências negras a um lugar de excentricidade. Pintor autodidata, gravador, escultor e ativista, alimenta suas pinturas através da geometria já presente nos simbolismos do candomblé.

A partir da década de 1950 do século passado, passa a juntar padrões geométricos, cor e narrativas, produzindo trabalhos que reúnem e sintetizam significados profundos e misteriosos, emanando uma sensação de sobriedade e equilíbrio na composição de seus trabalhos, tal qual nas artes ancestrais de que é herdeiro.

**Valentim é encruzilhada de encantamento entre quem já conhece os símbolos ancestrais e quem brinca pelas tintas e formas.**

Nos dias de hoje, **Yhuri Cruz** também faz encruzilhada com a memória: lembrar o que nos foi negado. Desafiar o estabelecido. Tomar o lugar conquistado. E nunca parar!

Assim, suas pinturas, objetos e esculturas têm sempre mais um passo a realizar do que o de estarem em exposição. Eles estão em estado de “ex-posição”, ou seja, parecem ter sido criados para ficarem parados, mas... estão à espera do momento de deslocamento, em que serão ativados. É quando Yhuri aparece em suas cenas, denominação do artista para as suas performances individuais ou coletivas. O que está na parede sai de lá, para ser movimentado pelo espaço, receber um elemento a mais... a transformação é inevitável.

Sempre haverá uma camada a mais a ser colocada ou retirada. Seus trabalhos ecoam sonoridades ainda que em silêncio... De cada objeto podemos ouvir e sentir gritos e gargalhadas, como se estivessem se apossando do que é direito seu, do direito de existir de que Yhuri Cruz nos lembra o tempo todo...

O granito, o mármore – materiais típicos da cultura artística europeia – se juntam às linguagens do agora (a performance) para devorar tudo e regurgitar presença.



Yhuri Cruz  
Rio de Janeiro, RJ, 1991  
Série **Efeitos da maré**, 2023  
Palha, granito e corda, 237 x 210 cm  
Crédito da imagem: cortesia do artista



Arthur Timotheo da Costa  
Rio de Janeiro, RJ, 1882-1922

**Autorretrato**, 1908

Acervo da Pinacoteca de São Paulo/Doação de Benjamin de Mendonça, 1956

Crédito: Isabella Matheus

**Representação:** é como nós somos mostrados, apresentados, quais as características e qualidades que são associadas a um grupo social.

**Representatividade:** é quando há uma ou mais pessoas com características associadas a um grupo social, por meio de quem as pessoas se sentem espelhadas, com quem compartilham visões de mundo e a quem confiam decisões..

**Proporcionalidade:** é a existência de pessoas em relação quantitativa a um dado referencial.

Segundo o IBGE, 56,10% da população brasileira são negros. Contudo, será que esse quantitativo é equânime em todas as esferas sociais? Por exemplo, na ocupação em posições de decisão e que promovem mobilidade social: qual a cor da pele que ainda predomina?

Perceba ao teu redor: quantas pessoas negras em cargos de chefia você conhece? Qual a cor dos presidentes do Brasil, desde que o país se tornou republicano?

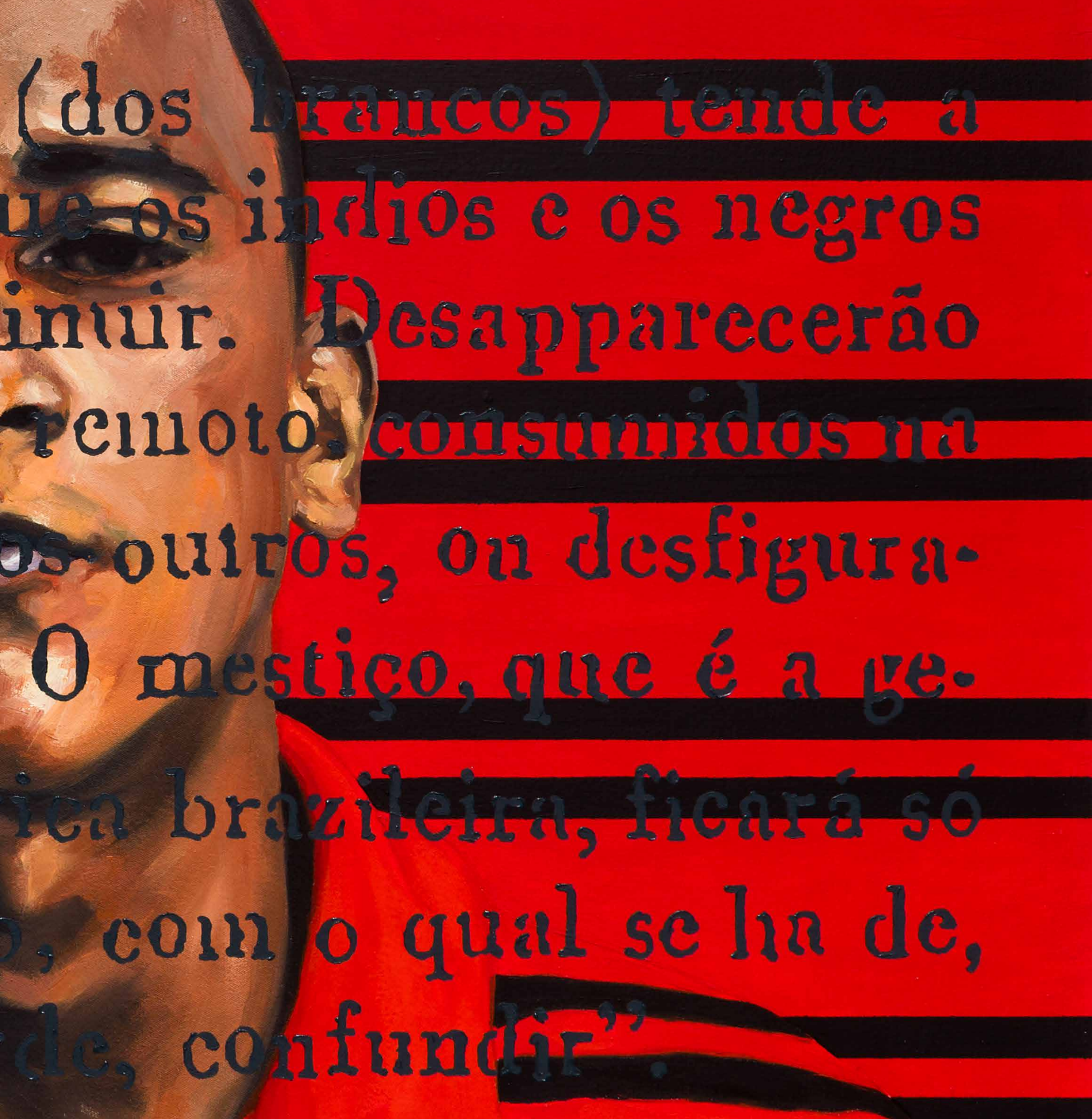
ISTO TEM A VER COM AS RELAÇÕES ENTRE **REPRESENTAÇÃO, REPRESENTATIVIDADE E PROPORCIONALIDADE:** se quando a gente pensa em uma profissão ou em um bairro, a gente pensa em características específicas de uma pessoa, e de um grupo social; se a gente não consegue pensar em um ambiente diverso, então, nossa sociedade não está sendo proporcional, a representatividade vai escamotear a falta de acesso a bens e direitos, pois muito provavelmente a representação no imaginário social sobre pessoas negras é de que elas devem estar apenas em lugares sociais determinados... por quem?

**QUANTOS ARTISTAS VIVEM NO BAIRRO ONDE VOCÊ VIVE?  
QUANTOS ARTISTAS NEGROS EXISTEM NO SEU TERRITÓRIO?**

Na criação de seus retratos, **Eder Oliveira** começa por uma pesquisa de imagens de pessoas comuns em jornais, principalmente rapazes que sejam fisicamente parecidos com ele, ou que estejam vivendo em locais que sejam semelhantes aos que ele já viveu em sua infância e adolescência.

“O seu numero  
aumentar, ao passo que  
puros tendem a diminuir  
num futuro não muito  
luta que lhes movem  
dos pelo cruzamento.  
nuina formação histórica  
diante do branco puro  
mais cedo ou mais tarde





(dos brancos) tende a  
que os índios e os negros  
intuir. Desaparecerão  
remoto, consumidos na  
os outros, ou destitua-  
O mestiço, que é a ge-  
ra brasileira, ficará só  
o, com o qual se ha de,  
de, confundir”.

Em 1911, após participar do Congresso Universal das Raças, como um compromisso internacional, o Governo brasileiro decide que a miscigenação é a melhor forma de extinguir a população negra. O acordo firmava que, em 2012, “a “raça branca” representaria 80% da população brasileira; os indígenas, 17%; e os mestiços, 3%, sendo que a “raça negra” tendia a desaparecer de vez do território nacional”. Nina Rodrigues, nome da legenda neste trabalho de Eder Oliveira, foi um dos defensores de extinção social da população negra brasileira.

**Que reflexos e reflexões os espelhos brasileiros – a mídia, os livros didáticos, jornais e redes sociais – têm nos mostrado quando se trata de pessoas negras e sua presença na sociedade?**

A pesquisa em cor e imagem de **Kika Carvalho** vai buscar representações que construam narrativas de bem viver, raridade e realeza sobre as pessoas negras. Uma dessas estratégias é usar a cor azul, abundante na ilha onde vivia, no Espírito Santo.

Eder Oliveira  
Nova Timboteua,  
PA, 1983  
Sem título,  
da série  
Iconografia  
anacrônica para  
Nina Rodrigues  
Óleo sobre tela,  
70x110cm  
Coleção privada  
Crédito da  
imagem:  
Estúdio em obra



Kika Carvalho  
Vitória, ES, 1992  
Sem título, 2023  
Óleo s/ tela  
200x150cm  
Cortesia Portas  
Vilaseca Galeria  
Crédito da  
imagem: Cortesia  
da artista

Se a gente observar a própria natureza, vamos perceber o quanto o pigmento azul é raro, e, quando encontrado, está envolvido em simbolismos de transformação e conexões espirituais: flores como a lótus azul, pássaros, borboletas. Por isso mesmo, o azul é conectado a deuses e rainhas e reis. Ah! e não estamos falando de história ocidental, não: isso começou no Egito, no continente que conhecemos como África.

Kika Carvalho defende que precisamos repensar tudo o que foi dito sobre as populações negras, e é nisto que fundamenta seu trabalho: “Existe uma vida que pulsa, que vibra, apesar dos traumas, das violências, apesar da colonização, apesar do capitalismo e de todos esses sistemas que deram errado; essa vida ainda existe, e eu acho que é importante poder falar disso, construir esse mundo de imaginários onde a gente não seja uma distopia, pensar nosso corpo em um ambiente que não seja violência, exploração, criminalização, que já tá posto aí, nas grandes mídias, em televisão, jornal, todos esses aspectos que nos representam desde os tempos mais antigos até a contemporaneidade [...]”.

Os azuis da artista nos carregam por todas as possibilidades de tonalidades, de vida e existências, desde um azul quase nuvem a um azul-oceano, e isso não é à toa: a artista está nos contado através das pulsações dessa cor em suas imagens sobre as presenças e ausências negras, de si e ao redor, a partir desse grande azul que conecta o povo negro brasileiro, do Espírito Santo, da localidade onde Kika vive, às suas origens e aos seus futuros: o oceano.

A historiadora e poetisa Beatriz Nascimento também se referia ao oceano como esse lugar de conexão com o continente africano e seus saberes e ciências, pensando as experiências da população negra no Brasil como “transatlânticas”. Encruzilhamos os oceanos!

“A TERRA É O MEU QUILOMBO,  
O MEU ESPAÇO É O MEU QUILOMBO.  
ONDE EU ESTOU,  
EU ESTOU,  
QUANDO ESTOU EU SOU  
[...] Ó PAZ INFINITA, PODER FAZER  
ELOS DE LIGAÇÃO NUMA HISTÓRIA  
FRAGMENTADA.  
[...] EU SOU ATLÂNTICA”

Durante muito tempo, nas artes visuais brasileiras, a ausência de pessoas negras como pintores foi algo debatido como se esta “falta” se devesse a uma incapacidade em relação à linguagem. Acabamos de pensar e observar uma sequência de trabalhos que quebram esse pensamento, explorando diversas características de cor e do impacto da escolha dessas cores, assim como na pesquisa de pigmentos, como nas imagens de **Josi**.

BRASILE

O nome de um lugar pode ser modificado por eventos históricos. A população originária de vários países africanos vai nomear seus territórios a partir da cor de sua pele. Assim foi com o Egito, cujo nome original é Kemet, “terra dos pretos”.

Já o continente africano é nomeado indigenamente como Alkebulan, que significa “mãe da humanidade”, e assim foi chamado por mouros, etíopes, cartagineses, até o período de ocupação romana no norte do continente.

Os trabalhos de Josi vão nos remeter a uma linguagem clássica da pintura, a aquarela. A artista investe na pesquisa de pigmentos naturais como açafraão, água de feijão, sumos de ervas e terra, marcando referências de sutileza em suas imagens, quase como sonhos que precisam ser tocados com delicadeza pelos nossos olhos.



Josi  
Itamarandiba, MG, 1983  
Da série *Decantações, fevuras e temperamentos*, 2021  
Água de feijão preto e eucalipto sobre papel, 35 x 44 cm  
Coleção da artista  
Crédito da imagem: Estúdio em obra





Matheus Ribs  
Rio de Janeiro, RJ, 1994  
Fechar os Corpos III, 2023  
Óleo sobre tela, 260 x 145 cm  
Coleção do artista  
Crédito da imagem: Estúdio em obra

**Matheus Ribs** denuncia nos seus trabalhos o impacto colonial que segue e nos persegue dia a dia, até neste momento. O desejo de construir um novo Brasil o leva a encruzeilhar imagens de dádiva e imagens de dor, e tempos e espaços diferentes. A derrubada da árvore de ontem é o aquecimento global de amanhã (ou de hoje?).

O artista classifica sua série Fechar os corpos como ação de Contrafeitiço: encantamento para desfazer o espectro de morte que paira sobre os corpos não brancos.

“Meu trabalho tem a ver com um encantamento do Brasil. A pintura é um exercício de reencantar esse território, cada vez mais atacado pela degradação ambiental e pela retirada de direitos dos povos originários e quilombolas.”



Mestre Didi  
Salvador, BA, 1917-2013  
OPE IYA AGBA NILÉ – Palma da Grande Mãe Ancestral, 1980  
Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e conta, 112 x 38 x 20 cm  
Coleção Bernardo Paz  
Crédito da imagem: Andrew Kemp/ Cortesia Galeria Almeida & Dale

Antonio Nego Bispo, filósofo quilombola, vai chamar de contracolônização “todos os processos de resistência e de luta em defesa de territórios dos povos contracolônizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios”. Ele vai nos dizer que as populações negras e indígenas têm tecnologia social própria, que pensam o mundo para a confluência e não para a destruição. Enquanto a colonialidade, ou seja, o ato de colonizar e se apropriar de espaços e seres, preocupa-se com o desenvolvimento, a contra colonialidade se ocupa do envolvimento.

Os saberes espirituais fazem parte disto. Narrativas ancestrais como itan e alo, atividades de cuidado individual e para a comunidade, como ebós e danças, têm sido referências para artistas negros, sejam eles ateus, agnósticos ou religiosos, uma vez que essas ideias e práticas são estabelecidas

como conceitos estéticos, sendo expandidas suas formas, fundamentos e materiais. A própria ideia de encruzilhada é uma metáfora para pensar tempo, espaço e revoluções.

**Mestre Didi** (Deoscóredes Maximiliano dos Santos), sacerdote, poeta e multiartista visual, elabora seus trabalhos com elementos presentes na cultura de terreiro como: búzios, palha, madeira e contas.

Filho de Mãe Senhora, *Iyalasé, lèsé Orisà*, uma das mais veneráveis ialorixás da Bahia, foi iniciado no culto de Egungun, representação dos ancestrais masculinos da tradição Oyó. Dedicou sua vida estudando as origens e rituais do candomblé, tendo aprendido também a língua Iorubá.

A sua prática e seu conhecimento religioso são essenciais para a qualidade e característica de suas esculturas. A dança entre segredo, sagrado e secular é o gesto condutor que transforma técnicas ancestrais em contemporaneidades, transformando narrativas ancestrais e princípios espirituais em abstrações.

**PARA A FILOSOFIA DE TERREIRO, OS PÁSSAROS SÃO REPRESENTAÇÕES DO PODER ATEMPORAL DAS MÃES ANCESTRAIS.**

No Brasil, o termo intolerância religiosa não consegue abarcar as violências praticadas contra pessoas de religiões de matriz africana. Por isso entende-se o racismo religioso: práticas de discriminação e o ódio pelas religiões de matrizes africanas e seus adeptos, assim como pelos territórios sagrados, tradições e culturas afro-brasileiras. Em 2023, através da Lei nº 14.532, que tipificou como crime de racismo a injúria racial, incluiu-se pena para a prática de racismo religioso e recreativo.

IMPORTANTE A GENTE SE LEMBRAR SEMPRE DE QUE A CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, NO ART. 5º, VI, ESTABELECE COMO INViolÁVEL A LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA E DE CRENÇA, SENDO ASSEGURADO O LIVRE EXERCÍCIO DOS CULTOS RELIGIOSOS E GARANTIDA, NA FORMA DA LEI, A PROTEÇÃO AOS LOCAIS DE CULTO E SUAS LITURGIAS.

***A DUPÉ PUPO POR NOS LEMBRAR, BÀBÁ!***

Ainda são necessários 167 anos para que nosso país alcance um equilíbrio entre as oportunidades oferecidas a pessoas negras e não negras.  
Ou seja, somente em... 2190.

A educação está no centro dessa encruzilhada, sempre foi e continua sendo um dos meios pelos quais a população negra brasileira tem alcançado mobilidade social, isto é, conquistado a harmonia financeira e intelectual digna para seu bem-viver – aquela que não foi garantida oficialmente pelo Estado brasileiro.

Em 1837, entrou em vigor a lei sobre a instrução primária que explicitou em seu Art. 3º: “São proibidos de frequentar as Escolas Publicas: 1º Todas as pessoas que padecerem molestias contagiosas. 2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.”

**Quantas pessoas na sua família completaram todo o ciclo de estudos?  
Todas elas cursaram ensino superior?**

A Lei nº 10.639, promulgada em 2003, conquista dos Movimentos Negros Brasileiros, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, incluindo no currículo oficial da rede brasileira de ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana", completa 21 anos em 2024.

Em 2008, a Lei nº 11.645 ampliou esse avanço, tornando fundamentais os estudos da história da África e dos africanos, “da luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, das culturas negra e indígena brasileiras e do negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil”.

Leis são estabelecidas em diálogo com a sociedade e suas transformações, realizadas pelas pessoas que nela vivem. É um direito de todas as crianças e adolescentes brasileiros conhecer a história do continente africano, assim como a presença de seus conhecimentos no Brasil e na população negra brasileira. Isso é apontar o futuro, mirando os erros do passado para que eles nunca mais aconteçam novamente.

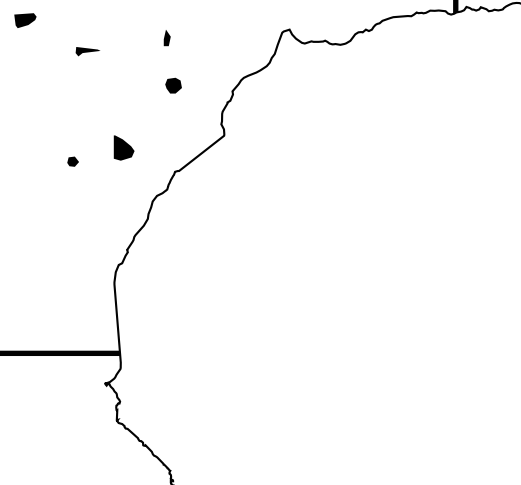


Gleyson Borges, vulgo A coisa ficou preta  
Maceió, Alagoas, 1992  
Colação, 2021  
Lambe sobre parede, 170 x 143 cm  
Coleção do artista  
Crédito da foto: Estúdio em obra

A obra coloca a educação como ponto central, sendo "arma" para a emancipação social, política e econômica da população negra. Seu título faz uma alusão não só ao ato de se graduar, mas também à técnica utilizada. Essa obra é uma releitura de "Flower Thrower", do artista Banksy.

## ***IBI TÍ ÈNIYÀN BÁ RÌN DÉ, NII Ó MÁÁ RI ÌRAN DÉ***

("O ser humano enxerga até onde seus olhos alcançam, sabe o quanto aprendeu e sabe até onde alcança o seu conhecimento.")  
provérbio iorubá





Renata Felinto  
São Paulo, SP, 1978  
**Favela II**, Sem data  
Fotografia Polaroid Manipulada  
Coleção da artista  
Crédito da imagem: Estúdio em obra

INSTALAÇÃO

# ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

DE 25 DE MAIO A 05 DE AGOSTO DE 2024

**Patrocínio:** BB Asset e Banco do Brasil

**Produção:** Tatu Cultural

**Curadoria:** Deri Andrade

**Idealização:** Projeto Afro

ESCULTURAS

RETRATO

ÁFRICA

PODER

VIDEO

HISTÓRIA

MODERNISMO

NEGRITUDE

## CCBB Educativo - Territórios e Saberes

Sapoti Projetos Culturais

**Coordenação Geral:** Daniela Chindler

**Coordenação Pedagógica:** Danilo Filho

**Coordenação de Projetos:** Mariana Rigoli

**Coordenação de Produção:** Daniela Carva

**Assistentes de Produção:** Jennifer Martins  
e Sabrina Guedes

**Estagiário de Produção:** Lucas Moraes

**Educadores:** Clara Fadel, Isadora Godoy,  
Leopoldo Maia, Naiara Augusta e Nancy Mora

**Estagiários:** Ana Beatriz Fóscolo, Ana Luisa Souza,  
Brenda Marques, Bruna Tameirão, Dominika Borges,  
Jesse Barbosa, Laura Evelyn, Luiza Vitória,  
Sophia Helen e Flaiê Rocha

**Tradutor e Intérprete de Libras:**  
Dinalva Andrade

10.639/03

REPRESENTATIVIDADE

## Caderno Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira

**Edição:** Daniela Chindler

**Pesquisa e Redação:**  
Tatiana Henrique

**Colaboração:** Mariana Rigoli

**Revisão:** Sol Mendonça

**Design:** Giovanna Cima

TORNAR-SE ARTISTA

# Centro Cultural Banco do Brasil

Praça da Liberdade, 450 - Funcionários, Belo Horizonte - MG

**Informações:** (31) 3431-9400 | [ccbhbh@bb.com.br](mailto:ccbhbh@bb.com.br)

**Horário de funcionamento:** Quarta a segunda: 10h às 22h | Terça: Fechado

**Entrada gratuita**

**Agendamento de grupos:** [agendamento.ccbbeducativo.bh@gmail.com](mailto:agendamento.ccbbeducativo.bh@gmail.com) | (31) 3431-9440 ou (31) 3431-9441

[f /ccbhbh](#) | [✉ @ccbhbh](#) | [@ccbhbh](#)

**Central de Atendimento BB:** 4004-0001 ou 0800-729-0001

**SAC:** 0800-729-0722

**Deficiente Auditivo ou de Fala:** 0800-729-0088

[www.bb.com.br/cultura](http://www.bb.com.br/cultura)



EDUCATIVO  
EDUCATIONAL

EXPOSIÇÃO  
EXHIBITION

APOIO INSTITUCIONAL  
INSTITUTIONAL SUPPORT



PROJETO  
AFRO

APOIO  
SUPPORT



CULTURA E  
TURISMO



MINAS  
GERAIS

GOVERNO  
DIFERENTE  
ESTADO  
EFICIENTE.

REALIZAÇÃO  
REALIZATION



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO